

## **Caminhos da pesquisa performance: notas para uma metodologia indisciplinada**

*Thigresa Almeida*

**Resumo:** Neste texto pretendo apresentar alguns caminhos do que venho desenvolvendo enquanto planos metodológicos da minha pesquisa teórico-prática acerca da arte da performance. Trata-se de algumas experimentações - estéticas e teóricas - que passei a desenvolver durante o primeiro semestre do curso de doutorado em que estudo - o Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes, da Universidade Federal Fluminense. As tensões metodológicas que estão em foco neste artigo atravessam a interdisciplinaridade, a multidisciplinaridade e a transdisciplinaridade, contemplam-se as metodologias da performance, o *work in process*, e a rebeldia como forma de ação política dos corpos e do processo criativo em performance. Ainda, a partir de uma revisão do que desenvolvi no mestrado como as metodologias das NA-VA-LHAS, quero lançar foco à indisciplinada como campo ampliado para desenvolvimento de uma pesquisaperformance.

**Palavras-chave:** Performance; metodologia; indisciplinada; pesquisaperformance.

---

## **Performance research paths: notes for an undisciplined methodology**

**Abstract:** In this text, I introduce some paths I have been exploring on the methodological aspects related to my theoretical and practical research on performance art. It concerns some aesthetic and theoretical experiments that I started to conduct along the first semester of the doctoral degree program - the Graduate Program in Contemporary Studies of the Arts, at Universidade Federal Fluminense. The methodological tensions focused in this article cross paths with interdisciplinarity, multidisciplinarity and transdisciplinarity, considered as performance methodologies, as well as "work in process", and rebellion as a form of political action of the bodies and the creative process in performance. Also, based on a review of what I developed in my MA through the methodologies of NA-VA-

LHAS, I intend focusing on the indiscipline as an enlarged field for the development of a “*pesquisaperformance*” (*researchperformance*).

**Keywords:** Performance; methodology; indiscipline; *pesquisaperformance*.

---

## **Caminos de la investigación performance: apuntes para una metodología indisciplinada**

**Resumen:** En este texto pretendo presentar algunos caminos de lo que he venido desarrollando como planes metodológicos de mi investigación teórica y práctica sobre el arte de la performance. Estos son algunos experimentos - estéticos teóricos - que comencé a desarrollar durante el primer semestre del curso de doctorado en el que estudio, el Programa de Postgrado en Estudios Contemporáneos de las Artes, en la Universidade Federal Fluminense. Las tensiones metodológicas que son el foco de este artículo cruzan la interdisciplinariedad, la multidisciplinariedad y la interdisciplinariedad, incluidas las metodologías de la performance, el *work in process* y la rebelión como forma de acción política de los cuerpos y el proceso creativo en la arte del performance. De modo que al final, a partir de una revisión de lo que desarrollé en el máster como las metodologías de NA-VA-JAS, quiero centrarme en la indisciplina como campo expandido para el desarrollo de una performance-investiga(c)ción.

**Palabras clave:** Performance; metodología; indisciplina; performance-investiga(c)ción.

## Introdução

Várias são as forças que se convergem para que este texto se construa e se desenvolva. Em primeiro lugar, vale dizer que o que será apresentado nas próximas páginas é uma escrita inicial do que venho desenvolvendo enquanto metodologia em minha pesquisa de doutorado. Tendo isso em vista, acrescento que este texto se construiu a partir de questões apresentadas e debatidas com colegas e orientadores desde agosto de 2020, quando iniciei meus estudos no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes na Universidade Federal Fluminense. Mais especificamente, as trocas e debates realizados na disciplina de Metodologias Interdisciplinares.

Outra força que tensiona as reflexões deste texto é o desejo de construir uma metodologia para realizar uma pesquisa que se desenvolva tanto no campo teórico quanto prático da arte da performance - no caso, meu objeto de pesquisa do doutorado. Objetiva-se, assim, uma transfiguração da pesquisa de performance em um processo criativo. Na seção intitulada “a indisciplina salva a indisciplina”, desenvolve-se essa ideia que passo, então, a denominar “pesquisaperformance”.

Um terceiro vetor que se coloca neste esforço de olhar metodológico é a revisão da imagem que gerou o fluxo de pensamentos e de ideias para a construção da metodologia que desenvolvi no mestrado. À época, durante a realização da pesquisa, tratava-se de uma prática que desenvolvia a partir da imagem navalha/lâmina. A intenção era construir uma pesquisa que partisse da investigação do texto/palavra e, ao mesmo tempo, buscasse fissurar, rasgar e atravessar o papel. Foi assim, então, que produzi uma investigação que pautava críticas epistemológicas, metodológicas e performáticas aos planos de pesquisa e à instituição acadêmica. Esse percurso se deu a partir das questões que eu vivenciava e descobria enquanto pessoa não binária.

Tomando como ponto de partida as pulsões explicitadas tal como a necessidade de me encontrar com uma metodologia que viabilizasse olhares para o campo prático das minhas pesquisas, além de uma revisão da metodologia das navalhas - principalmente nas minhas práticas da performance -, comecei a acionar e investigar alguns caminhos que permitissem me aproximar do que, a partir das reflexões deste texto, passo a chamar de pesquisaperformance.

Antes de partirmos para o desenvolvimento deste artigo, aponto que a metodologia debatida aqui serve para o desenvolvimento da minha pesquisa de doutorado, que tem por objeto de pesquisa a arte e a linguagem da performance. Diante desse ponto, friso a importância de desenvolver um alicerce que sustente a construção de uma fissura nos olhares para a arte da performance.

Quando invoco a palavra “performance”, estou me referindo à linguagem artística desenvolvida a partir dos anos 1970, após as vanguardas históricas e que, em seu eixo de conceitualização, busca uma aproximação entre arte e vida. Ao mesmo tempo, a performance, enquanto propulsora de debates da atualidade, carrega em si o que o teórico e artista da performance mexicano Guillermo Gómez-Peña (2013) chama de uma instabilidade dos seus campos de definição. Ao

conceitualizar a performance, o autor se refere à linguagem da performance como “um país de fronteiras movediças” (GÓMEZ-PEÑA, 2013, p. 344), o que leva a crer que a sua conceituação também passar por todas essas definições movediças. Todavia, a performance tem em seu eixo conceitual, além de uma proposta de aproximação entre arte e vida, a característica de ser um campo interdisciplinar entre as artes. Como conceitualizou Renato Cohen (2002, p. 50), a performance é “a legião estrangeira das artes”.

Por isso, ao me referir à performance neste o artigo, não falarei em definição, e sim em conceitualização, justamente por compreender a complexidade e a impossibilidade de qualquer definição para esta linguagem fluída.

Para iniciar questões pulsantes em processos criativos, leituras e imagens, este artigo serve de contextualização de uma trajetória, que está dividida, aqui, em três partes: primeira, as NA-VA-LHAS (o corte), na qual apresentarei o que já vinha desenvolvendo desde o mestrado; segunda, a rebeldia, a travessia que permite a movência para os campos ampliados da performance, no caso a pesquisa-performance associada à indisciplina; e, por último, a pesquisapeformance e a indisciplina.

Por fim, digo que a indisciplina, assim como a navalha, surge da necessidade de tensionar os campos disciplinares, os corpos e as ideias. Tal imagem surge a partir de uma experimentação visual, de uma colagem: a indisciplina salva a indisciplina.

### O corte. NA-VA-LHAS

Passei a refletir sobre metodologias de pesquisa no mestrado,<sup>1</sup> ainda quando estava investigando questões relacionadas às novas formas de existências. Ao mesmo tempo, encontrava-me no processo de descoberta e de um reconhecimento de existir enquanto pessoa não binária.<sup>2</sup>

A partir da perspectiva da não binariedade, passo a refletir sobre como construir uma pesquisa que fosse um ponto de fuga da tentativa de captura de uma linearidade de escrita e de pesquisa.

Primeiramente, a ideia da navalha surge como uma imagem, e é a partir dela que passo a descrever a intenção de construir a metodologia. Então, duas forças estavam postas, uma desencadeada pela outra. A lâmina é o objeto de proteção usado embaixo da língua por algumas pessoas sexodissidentes, que o utilizam como proteção em casos de violência. Tal ato, manipular a lâmina por baixo da língua sem se cortar, já é em si um ato performático, que exige exímia habilidade e destreza. Esse aprendizado é transmitido há anos por pessoas ditas marginais como habilidade desenvolvida desde a malandragem.

---

<sup>1</sup> Desenvolvi minha pesquisa de mestrado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. A dissertação teve por título: “NA-VA-LHAS: Ruídos e (ex)tetik indisciplinares”.

<sup>2</sup> Toda vez que tenho que me colocar na posição de dar uma explicação sobre o que é a não binariedade, coloco-me em um estado de total atenção, para não cair na armadilha de reduzir as possibilidades de não binariedades ao que eu penso ser e experiencio ser. Ainda num estado constante de trânsitos e transição da investigação de novas formas de existências, digo que para mim a não binariedade é habitar um espaço de fissura do mundo, além da constante fuga de uma régua normatizadora e de um olhar que prende e esmaga a dissidência. Logo, para mim, é a possibilidade de transitar entre os polos enrijecidos das possibilidades de gênero masculino e feminino.

Com essa ideia de proteção, em um momento de descoberta do mundo e de percepção de vulnerabilidades, além do reconhecimento de múltiplas violências, decidi desenvolver uma pesquisa com uma escrita que tivesse uma tensão performática. Na ocasião, além de refletir sobre novas formas de existências e realizar uma série de críticas, como dito anteriormente, também almejava uma pesquisa que me permitisse ser um amuleto de proteção para as questões que estava criando.

O processo, então, começou com uma imagem, passou a ser uma ideia, transformou-se em metodologia, tornou-se virou performance e, por fim, passou a habitar o corpo. Para traduzir esse caminho, foi preciso construir uma escrita não linear, que cortasse e produzisse uma fissura no papel, criando, além de uma nova espacialidade, um manifesto existencial do que eu estava pensando e das minhas transições e trânsitos pelo mundo. Digo, ainda, que, naquela ocasião, a ideia era construir uma contrametodologia, uma que permitisse tensionar a narrativa linear. Desse modo, a navalha é ação do corpo, ação da construção de uma contranarrativa que se dá a partir do corpo.

Nos trânsitos entre contrametodologias e narrativas, dá-se a dissidência (que está em imagem sobreposta à da navalha). Produz-se e tensiona-se uma estética nos territórios fronteiriços das possibilidades das novas formas de existências. A lâmina me permitia fabricar um espaço-território de fuga dos espaços rígidos e limitadores das metodologias clássicas e me levava ao território político da fronteira e da borda.

A navalha, acionada pelo corpo dissidente para a sua proteção - no meu caso, a metodologia e suas dimensões estéticas, políticas, conceituais e teóricas - produz um ato estético que se alinha à ideia de trânsitos e criações de territórios fronteiriços. A navalha produz o corte, o recorte.

A partir da ação do corte da navalha, ocorrem processos importantes relacionados à metodologia das navalhas: o primeiro é a construção de uma estética do dissenso, já que é desde as práticas do recorte (do navalhar, a ação da metodologia das navalhas) que se produz a ação da colagem, e essa, por sua vez, é a prática estética-política-conceitual que possibilita a criação de novos espaços, a instauração de territórios (fronteiriços) de ação dos corpos, da narrativa e da performance. Ao mesmo tempo, a navalha tem a capacidade de fissurar, seja o corpo, o papel, o espaço ou o território.

Ao fissurar e navalhar os corpos, constrói-se (desvela-se) a condição política do território, seja ele do corpo, do papel ou qualquer outro, que guarde em si a dimensão política da construção e da dinâmica de novas atividades estético-políticas. O território pode ser o da ação do corpo, mas também o corpo como território, que tem em seu cerne movências e instabilidades. Há uma dinâmica de trânsitos que complexifica o corpo ao ponto de se construir espaços fronteiriços para ações e tensões de possibilidades de existências fronteiriças.

De forma próxima, e não apenas por coincidência, os campos expandidos e tensionados pela lâmina/navalha (navalhar!) se aproximam daquilo que é proposto como um campo da performance, um espaço de ação da performance. Tendo isso em vista, poderia dizer, de forma direta, que os territórios da performance são os territórios navalhados. É nesse território, que guarda as suas políticas estéticas, que se inicia o processo de desenvolvimento e confluências entre a pesquisaperformance e a indisciplina.

## Como criar metodologias incapturáveis?

Há uma política das institucionalidades em curso: a necessidade de aprisionamento dos desvios sob o olhar da normatividade. A normatividade que regula, autoriza e cria modos de obediência com a finalidade de se manter a estrutura de poder e de controle (GROS, 2019). É justamente na contramão dessa prática que se pretende a metodologia indisciplinar e a pesquisaperformance, ou seja, criar um estado de desobediência. Tal política é direcionada a qualquer possibilidade de dissidência e desvio produzido pelos corpos, basta se colocar no território fronteiro e fissurado das dissidências estéticas e políticas.

A política institucional e disciplinadora é a da captura. Captura-se sob o olhar para produzir controle, ora pela exotificação, ora pela necessidade de compreender, ou lançar uma possibilidade de prática de existências estético-políticas para dentro da régua das possibilidades normativas de existência. Uma régua que controla inclusive os graus de desvio.

Há a necessidade incansável de escapar dessas práticas regulatórias ao mesmo tempo em que se busca uma radicalização dos desvios. Aliás, é por meio do desvio que também possibilita-se escapar da captura: a incaptura. Pauta-se, então, a constante necessidade de escapar dos olhares normativos reguladores dos desvios - ou, como poderia sugerir Michel Foucault (1999; 2010), da docilização dos corpos - e da política institucional da captura.

A régua produz o seu contraponto: a necessidade de uma produção de performances e ações estético-políticas que desloquem, friccionem o desvio e produzam a tensão da institucionalização. Só assim é que se constrói a ponte entre a performance e a radicalidade. Logo, a ideia e a prática de produzir uma metodologia que escape das capturas se dá a partir da radicalidade que pode ser instaurada a partir das performances dos desvios, das dissidências e desde a prática artística-política da colagem, esta que é uma estética dos corpos dissidentes.

Poderia afirmar que a necessidade de construir uma prática das metodologias incapturáveis - que venho descobrindo e praticando desde as metodologias indisciplinadas para uma pesquisaperformance - está posta também na política existencial da construção de um território para o desenvolvimento de estéticas que se dão no corpo, na pesquisa e na prática performática.

Sendo assim, compreendo que a prática metodológica dentro do campo da radicalidade do corpo e da ação é inseparável de escolhas estéticas e políticas. Logo, toda escolha metodológica é fundamentalmente a emergência de uma escolha política. E depois, afirmar que não há, em nenhum momento, a pretensão de construir um espaço rígido de pensamento e desenvolvimento dos desvios. Essa é uma característica das práticas lineares que não me interessa.

Então, desde os desvios, os tensionamentos de narrativas, atravessando a radicalidade da ação do corpo, chego a um ponto importante da construção desse território de incaptura e de prática do desvio das lentes e das régua: a desobediência que, como coloca Frédéric Grós (2019), é a insurreição das práticas disciplinadoras.

A desobediência se coloca veementemente como mais uma linha de força e de fuga dessas políticas institucionais. Acredito nela como possibilidade para fraturar formalidades e linearidades pautadas pela régua da normatividade.

Tendo a desobediência também como uma possibilidade de ação da performance - além de lançar novos horizontes, ao passo que coloca em diálogo a contestação das organizações, das paisagens e das práticas da captura -, é que se amplia o olhar para as regulações dos corpos. A desobediência, à primeira vista, pode ser colocada como uma prática da negação. Para além dessa perspectiva e no caso da criação de uma metodologia indisciplinar que propõe um campo de pesquisaperformance, tal prática se amplia, se ramifica - como um rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 2011) - e se coloca como um confronto para uma reordenação e reorganização das instituições regulatórias. Algo que, sob o olhar teórico de Deleuze e Guattari (2011), poderíamos chamar de um movimento à reterritorialização.

Na continuidade e na ampliação de percepções, a desobediência também se coloca como um ato vertiginoso que encaminha uma descoberta por meio da incompletude. Ou seja, a desobediência é a tensão possível de não ter um fim e encaminha os planos metodológicos para uma continuidade tão infinita quanto a finitude da vida e tão múltipla quanto as possibilidades de existências.

Poderia dizer, por fim, que a aliança entre a desobediência e as práticas de tensão da incaptura é que aciona a fuga dos campos disciplinares. Não apenas pelo desejo e a pulsação da indisciplinaridade, mas pela construção de um trânsito e de uma travessia que permita acessar os espaços da borda/fissura que abrem espaço para autonomia, criação e invenção de ocupações políticas. Para finalizar, levanto a possibilidade de que as dinâmicas apresentadas nesta seção, e naquelas que ainda estão para se suceder, estão pautadas pela ocupação. Uma ocupação da desobediência para recriar não o fim, mas a travessia das continuidades.

### **Se perder é um ato político**

Nomadismo pode ser a prática sociocultural de transitar entre vários espaços ou ir mudando de espaço conforme o tempo e a utilização de recursos naturais possíveis daquele local/território. Na performance, o nomadismo é compreendido a partir das reflexões de Paul Zumthor (2005), que o pensa como um processo de construção de algo-por-vir. Ao mesmo tempo, em um sentido ampliado da percepção e das perspectivas do que pode ser o nomadismo, desde o que pretendemos criar enquanto a pesquisaperformance indisciplinar, pode ser a possibilidade de habitar as fissuras.

Fissuras são como as dobras do tempo que nos dão a capacidade não apenas de transitar entre múltiplos territórios diferentes como uma quebra física do espaço X tempo, tal qual o nomadismo de transitar no infinito da fita de Moebius (ROLNIK, 2019). A fissura, ao romper com a lógica dos trânsitos e da relação espaço/tempo, permite ao nomadismo habitar mais de um território ao mesmo tempo. Logo, nas percepções das pesquisas indisciplinadas e da pesquisaperformance, o nomadismo é se localizar em vários e diferentes campos e territórios.

Entre o nomadismo e a possibilidade de habitar vários territórios - por meio da desobediência que é a impossibilidade do fim - apresenta-se a prática das metodologias indisciplinadas para a pesquisaperformance: o ato de se perder. Trata-se de usar e colocar o corpo em primeiro plano. No caso da pesquisa, colocar as tensões em primeiro lugar. E, com a trajetória e as travessias do corpo, criar estratégias por meio da sensação.

Ao assumir estar perdido dentro de um campo de pesquisa, dentro de um território estético-político, funde-se a necessidade de uma ampliação de sensações. Logo, ao se perder, compreende-se essa dinâmica de estar em um lugar instável e construir as estratégias desde um campo das sensações. Essas estratégias, sob uma ótica da autonomia, são concebidas enquanto território transitório (BEY, 2018).

A escrita/pesquisa indisciplinar/pesquisaperformance tem como tensão as criações a partir das possibilidades múltiplas de diferentes caminhos e disparadores de criação. Nesse contexto de tensão de narrativas a partir do se perder, coloca-se em parceria com a sensação. Amplia-se a sensação para criação de um texto que dinamize e apresente os sentidos múltiplos da pesquisa por meio das construções das linhas de força e fuga da performance. Além disso, o “se perder” permite a construção de uma pesquisa que seja possível em várias direções, que tenha diversas entradas e saídas, como um rizoma, uma das imagens que guiam a construção dessas metodologias.

### **A indisciplina salva a indisciplina**

Desde que me posicionei enquanto um artista da performance, adentrei os campos acadêmicos para desenvolver pesquisas que tangenciam a arte da performance, identifiquei-me e reconheci-me enquanto uma pessoa não binária, muitos atravessamentos me levam a refletir sobre os caminhos que utilizo para a realização das minhas pesquisas. Quando me refiro à pesquisa, quero enfatizar que estou indicando a pesquisa teórico-prática - mas que logo recusarei e explicarei os pontos -, indisciplinar e aquilo que, em algum momento, acontece-me enquanto uma pesquisaperformance.

Antes de adentrarmos ao que quero apresentar e sugerir enquanto uma pesquisaperformance, vou me permitir realizar uma pequena digressão sobre a arte da performance e sobre a palavra corruptela “pesquisaperformance”, já que é sobre ela - a performance enquanto pesquisa - que sobressacai os caminhos metodológicos que aqui quero propor a reflexão e a ação.

Alguns autores da performance sugerem que a linguagem se pretende, em seus recortes estéticos/conceituais, uma possível aproximação entre arte e vida. Essas duas palavras são redigidas nas bibliografias da performance de diversas formas: “arte-vida ou vida-arte”, “arte e vida”, “live art(e)” (CARLSON, 2013). É certo que todas essas possibilidades podem dar conta da linguagem da performance. Como apontou Guillermo Gómez-Peña (2013), a linguagem e o campo de ação da performance são um país em constante atravessamentos e modificações, que se constrói/reconstrói a partir das dissidências que ocupam esse território fronteiro.

Dentre essas tentativas e proposições, o professor, artista e pesquisador da arte da performance Ricardo Basbaum (2013) sugere a seguinte grafia: ARTEVIDA. Ao não escrever as palavras separadas e transformá-las em uma única sentença, acena para uma impossibilidade de deslocamento, separação ou descolagem da arte da vida, quando nos referimos à performance. Então, de certo modo, a proposta que levantamos nestes campos das pesquisas acadêmicas, que discorrem sobre a arte da performance, é a impossibilidade da separação e da realização de uma pesquisa que seja em sua criação uma performance.

Não se trata de entender, fomentar e formatar pesquisas teórico-práticas, mas de lançar a pesquisa ao campo da indeterminação e do dissenso, do *work in*



*process.* O caráter processual da performance, de se construir durante sua execução, acolhe os atravessamentos e as questões que surgem no meio do processo, como sugeriu Renato Cohen (2006). Nas experimentações dos processos criativos, expande-se caminhos que permitem à pesquisa alcançar o campo experimental, processual da pesquisaperformance. A pesquisa enquanto processo criativo impossibilita a separação entre artevida, assim, a pesquisaperformance é PESQUISAPERFORMANCEARTEVIDA.

A PESQUISAPERFORMANCEARTEVIDA também é a possibilidade de realizar uma pesquisa ação política - ação direta e ação estético-política (28 de MaioC, 2017). Entendida enquanto ação de movência e tensão dos campos disciplinares, a pesquisa permite o movimento em direção ao risco, à fuga e à criação de um processo experimental que se desloca entre os territórios fronteiros, brechas, bordas e fissuras.

Digo, então, que a PESQUISAPERFORMANCE, ou a PESQUISAPERFORMANCEARTEVIDA, é, em suma, a multiplicação de perguntas em detrimento à construção de respostas, ou seja, é um constante rompimento estético-político que emancipa as dissidências (do dissenso) ao abandonar e abrir mão da norma. É a PESQUISAPERFORMANCE, que ao fugir de binarismos, que se lança à indeterminação e ao experimental, os dois campos que nos abrem à ideia de indisciplina, que quero sucintamente apresentar.

Sempre que falamos de indisciplina, a palavra acaba por tomar uma proporção maior do que é necessário. A própria palavra em sua essência de indeterminação acaba causando pequenos tremores àqueles que costumam adentrar ou localizar as suas pesquisas nos campos rígidos e deterministas.

Sempre que uso a palavra indisciplina, ela não está em oposição a nada, muito menos à disciplina. Então, afirmo, sem nenhum receio ao erro, que a oposição da indisciplina não é à disciplina. E faço uma segunda afirmação categórica nesse mesmo sentido: a oposição da disciplina é a própria disciplina.

O que sustenta a normatividade compulsória e binária da disciplina é ela mesma própria. Parafraseando o acontecimento da narrativa mitológica grega, a indisciplina de tanto se ver no reflexo da água se afogou na disciplina. A indisciplina é ao mesmo tempo metodologia e prática estético-política. Sendo impossível a separação desses dois eixos, cabe dizer, então, que há um tripé que a sustenta e está pautado na seguinte possibilidade: o distanciamento do equilíbrio; a rebelião (GÓMEZ-PEÑA; SIFUENTES; 2011); e o fracasso (HALBERSTAM, 2020). Então, atravessemos esses pontos de intersecção da indisciplina.

Em um primeiro momento dessa travessia, encontro-me com a falta de equilíbrio propiciada pela vertigem, sensação de queda. A falta de equilíbrio vem na contramão da construção da expectativa de se chegar à estabilidade. Ao mesmo tempo, é por meio dos atravessamentos da oposição e do tensionamento da falta de equilíbrio com a expectativa que a indisciplina constrói um campo de ação e um território de possibilidade que transita entre a desordem, a monstruosidade (pautada pela não linearidade e pela assincronia), e que foge dos regimes de domesticação - ou, como falei na sessão seção anterior, da incaptura.

Essa fuga da linearidade e da domesticação é a experimentação (est)ética das tensões que podem ser produzidas desde as composições e decomposições, as *collages* e *decollages*,<sup>3</sup> o senso e o dissenso.

Se fosse possível construir um diagrama triangular do “distanciamento do equilíbrio”, poderia dizer, então, que ele está no eixo da continuidade:

[distanciamento do] equilíbrio - vida - desordem

Se articulando respectivamente no espelhamento ou sobreposição:

indisciplina - performance

Nesta caminhada, o segundo encontro proposto é com a rebeldia. Ela está relacionada e é, de alguma maneira, codependente dos campos da desconstrução dos campos institucionais. Poderia dizer, então, que a proposta de ação e reação da rebeldia é a negação dos territórios que insistem nas lógicas e nas dimensões pragmáticas e dicotômicas.

Ao negar esse processo de institucionalização por meio da rebeldia e da quebra da regra (ordem), construímos com a performance uma possibilidade intuitiva de fissura nos campos monodisciplinares, não só da arte, não só da pesquisa em arte, mas das esferas arqueológicas emancipatórias. Explico: as arqueologias emancipatórias é o que aqui estou chamando de construções de narrativas que se dão e se constroem nas trincheiras institucionais e institucionalizantes. Das trincheiras - que poderia chamar também de fissuras -, emerge o que desejo vislumbrar enquanto um processo de tensão das organizações lineares. Então, quando digo que a rebeldia é uma prática para além dos campos das artes e da pesquisa em arte, quero me referir que ela (a rebeldia) é algo inerente ao corpo, é uma ação que transforma e transporta as oposições binárias. A rebeldia é uma ação estético-política. E, completando a travessia e o tripé, está o fracasso.

O fracasso pode ser visto sob uma ótica ruim, mas também pode ser uma inversão das lógicas e, no caso da construção da indisciplina, é determinante para a quebra e desmantelamento das práticas sólidas. É a partir dele (fracasso) que podemos construir e inventar formas que fogem das normas punitivas e limitadoras. O fracasso é em si a invenção de formas e possibilidades de existências.

Descrito esse tripé de sustentação da indisciplina, digo ressalto algo que pode estar passando pela cabeça e pelas visões críticas a essa visão de metodologia. A ideia do tripé não é sustentar algo imaterial - a ação estético-política - no caso a indisciplina. Caso caia um dos pés, eu fujo para o território da incaptura e afirmo: a indisciplina salva a indisciplina.

Como há de se perceber, utilizamos a imagem da caminhada para construir uma possível travessia entre os campos que permitem fomentar um processo experimental referente à indisciplina. Como tudo que propus aqui, a ideia da caminhada também foi intencional. A decollage que queremos produzir refere-se a

---

<sup>3</sup> A *collage* e a *decollage* são processos que se dão na performance e são pilares conceituais de sustentação da linguagem. Entende-se por *collage* o processo de construção de uma narrativa não linear a partir do processo da seleção, picagem e colagem. Por outro lado, a construção da *decollage* se dá no movimento proposto por Wolf Vostell, artista Fluxos, que propôs uma experiência/experimentação a partir da destruição, da ruína e do desmonte (MAYER, 2019).

uma perfortografia dos corpos negligenciados da performance. E a nossa caminhada perfortográfica segue esse rumo, mas nada garante que não vou me perder no meio do caminho.

Logo, cabe a terceira afirmação, não tardiamente, e a faço não na intenção de encerrar este texto, mas pensando nas dobras e desdobramos que ele pode ter: a indisciplina é tudo aquilo que, assim como as não binariedades, as dissidências e os dissensos, não deveria existir, mas existe, no campo da indeterminação. E é pela falta de controle que a indisciplina se faz indisciplina: ação estético-política, desvio, travessia, perder-se (não para se encontrar), experimentação, errância, nomadismo e, com tudo isso, produzir a vertigem da PESQUISAPERFORMANCEARTEVIDA.

### **A indisciplina salva a indisciplina**

Aceitar o risco de navegar por campos e territórios impossíveis. Uma pesquisa que busca colocar-se nos campos instáveis da performance, a partir de uma perspectiva indisciplinar, busca incansavelmente um distanciamento das práticas lineares, que tem sempre um ponto de chegada: uma conclusão para dar conta e fechar o ciclo do pensamento.

Quando se pensa e se aciona performances metodologias com o corpo, ou com o pensamento corpóreo<sup>4</sup>, acredito que não se almeja um fim, já que é por meio da transição e das travessias que é possível construir um estado constante de questionamento e tensão das normas e normatividades (AQUINO; MEDEIROS, 2011).

Poderia dizer que uma das possibilidades de atividades para não se colocar no espaço conceitual e determinista da completude e do final é hackear esses processos. Em vez de produzir respostas, construir fissuras e buracos no pensamento, produzir incompletudes e inviabilizar o final. Construir uma barricada que mova o corpo para outras direções e para a produção de novas tensões.

A ideia com a incompletude e com a construção de um caminho que não tenha final é também uma forma de escapar dos olhares e das normatizações que tensionam os desvios. É uma busca incansável pelo desejo de não atender a uma expectativa, ou uma fruição, de definir a partir da rigidez.

Sendo assim, busco construir, a partir das ações da performance e da pesquisa indisciplinar, um campo de vertigem no qual se dê a sensação de perder o chão, como uma forma de perder o sentido único de pensamento, de construção do corpo e das estéticas. O desequilibrar é um elemento para se perder entre razões que tentam incansavelmente definir o que é o fim, levar a vertigem à desobediência, na tentação/tentativa de criar um espaço de emergência da indisciplina.

---

<sup>4</sup> Apropriei-me de uma metodologia/prática do coletivo de performance Corpos Informáticos. O coletivo de performance, anarquicamente liderado por Bia Medeiros, está sediado em Brasília e desenvolve uma série de ações e fuleiragem nas intersecções entre performance e cidade. Os Corpos Informáticos alimentam um site, que também levou o nome de importantes festivais de performance que se realizaram no centro-oeste brasileiro: performance-corpo-política.

## Referências

28 de Maio. O que é uma ação estético política? (um contramanifesto). *Revista Vazantes*, v.1, n.1, 2017, p. 192-200.

AQUINO, Fernando; MEDEIROS, Maria B. (Bia). *Corpos Informáticos: performance corpo política*. Brasília: EdUNB, 2011.

BEY, Hakim. *TAZ - Zonas Autônomas Temporárias*. São Paulo: 2018.

BASBAUM, Ricardo. *Manual do artista-etc*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

CARLSON, Marvin. *Performance: uma introdução crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

COHEN, Renato. *Performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. *Work in progress na cena contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *O anti-Édipo*. São Paulo: 34, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GÓMEZ-PEÑA, Guillermo. Em defesa da arte da performance. In: DAWSEY, J.; MOLLER, R.; MONTEIRO, M. *Antropologia e performance: ensaios na pedra*. São Paulo: Terceiro nome, 2013.

GÓMEZ-PEÑA, Guillermo; SIFUENTES, Roberto. *Exercises for rabel artists: radical performance pedagogy*. Nova York: Routledge, 2011.

GROS, Frédéric. *Desobedecer*. São Paulo: Ubu, 2019.

HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Recife: Cepe, 2020.

MAYER, Mariano (Org.). *Fluxos Escrito: actos textuales antes y después de fluxos*. Buenos Aires: Caja Negra, 2019.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1, 2019.

ZUMTHOR, Paul. *Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaio*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

### **Nota Biográfica**

**Thigresa** é pessoa não binária, performer, professora, e+. Graduada em Comunicação das Artes do Corpo (PUC/SP), mestra em Comunicação Social (UERJ), atualmente é doutoranda do Programa em Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA/UFF) - sob orientação de Ricardo Basbaum e Jorge Vasconcellos. Pesquisa as genealogias da arte da performance (as perforcartografias) e as relações [im]possíveis com ações políticas, dissidências/dissonâncias de gênero/estéticas e implicações estético-políticas. Interessa-se pela indisciplina - como crítica à normatividade. À prática da devoração, da fuga, incaptura... Suas ações - artísticas[políticas] - se dão a partir de objetos cortantes: lâminas, arames farpados, cacos e a palavra. Atualmente, investiga ações como artista residente do SomaRumor. Colabora com os grupos de pesquisa: CAC (UERJ); Juvenália (ESPM); Práticas estético-políticas na arte contemporânea (UFF); e, Sistemas de revezamento plástico-sonoro-discursivo (UFF).

E-mail: a.thigresa@gmail.com

**Recebido em:** 17 de Fevereiro de 2021

**Aceito em:** 04 de Junho de 2021